

# IDENTIDADE E AUTENTICIDADE DOS LUGARES: O PENSAMENTO DE HEIDEGGER EM *PLACE AND PLACELESSNESS*, DE EDWARD RELPH<sup>1</sup>

MARANDOLA JR., Eduardo  
Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas.  
AGB-Campinas. eduardom@nepo.unicamp.br

## INTRODUÇÃO

Se lugar é a principal categoria ou essência que expressa as consequências e possibilidades da Geografia Humanista para o conjunto do pensamento geográfico, isso se deve muito à revisão que Edward Relph fez do termo, colocando-o no centro de uma investigação geográfica, o que provavelmente não havia sido feito até então. Sua tese, defendida na Universidade de Toronto (Canadá), em 1973, tinha como título *The phenomenon of place*, e é provavelmente a primeira dedicada a buscar fundamentos fenomenológicos para a Geografia. E Relph fez isso pela ideia de **lugar**, entendendo-o como **fenômeno**.

Essa obra ganhou repercussão e papel basilar no pensamento humanista geográfico ao ser publicada como livro em 1976, com o instigante título *Place and placelessness*, como primeiro volume da série *Research in Planning and Design*, coordenada por Allen J. Scott. Junto com outros três livros publicados na mesma época, como *Topofilia e Espaço e lugar*, de Yi-Fu Tuan (TUAN, 1980; 1983), e a coletânea de artigos organizada por Anne Buttimer e David Seamon (resultado de trabalhos sob orientação da geógrafa irlandesa), *The human experience of Space and Place* (BUTTIMER; SEAMON, 1980), o livro de Relph ajudou a retirar o caráter funcionalista e positivista do lugar, inaugurando uma nova forma de pensá-lo na Geografia (ADAMS; HOELSCHER; TILL, 2001).

Outra contribuição fundamental do livro é a consistência e a densidade que Relph traz para o coletivo humanista em termos do entendimento e profundidade da abordagem fenomenológica (HOLZER, 1992). O livro é uma bem sucedida construção de uma perspectiva teórica e metodológica para pensar os lugares a partir da fenomenologia, integrando o horizonte das intervenções e do planejamento urbano com aquele da percepção do ambiente, entendida enquanto experiência do espaço.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Espaço de Socialização de Coletivos “Perspectivas fenomenológicas da geosofia”, durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010.

Lugar é a essência fundamental que permite a Relph esta edificação teórica, sendo na busca do espaço existencial que ele encontra a fenomenologia e o próprio significado humanista de lugar. Ele busca a compreensão das transformações e das permanências (manutenção) dos lugares, o que o leva à problemática da própria constituição dos lugares (SEAMON, 1996). Sua preocupação toma a forma de dois outros livros nos anos posteriores: *Rational landscapes and humanistic geography* e *The modern urban landscape* (RELPH, 1981; 1987). A partir da paisagem moderna das cidades, tão atacada por sua monotonia de formas e pouca aderência à história ou ao restante da paisagem, Relph busca aprofundar a problemática do lugar em seus atributos essenciais, sociais e culturais, tendo sempre como pano de fundo a dimensão da experiência e da identidade dos lugares.

Esta, aliás, é uma das temáticas mais cadentes de *Place and placelessness*: a essência e a identidade do lugar. Para Relph, estas são as chaves para compreensão da construção dos lugares e para podermos compreendê-los. Para isso ele investiga em profundidade o fenômeno lugar, trazendo à luz as contribuições seminais de geógrafos no tema, que começaram a aparecer a partir dos anos 1950, como Sauer, Dardel, Luckerman, Lowenthal, Tuan, entre outros, e um conjunto de elementos teóricos e entendimentos provenientes da filosofia fenomenológica, como Husserl, Heidegger, Schutz, Bollnow, Bachelard, Merleau-Ponty, Norbert-Schulz e Kierkegaard. Dentre estes, Heidegger é sem dúvida um dos mais importantes, mostrando-se fundamental na formulação de várias ideias-chave do argumento de Relph (MARANDOLA JR., 2009).

Entre estas, destacam-se a ideia de habitar (*dwelling*), que o ajudou a construir o sentido existencial de lugar, e o entendimento heideggeriano de identidade e diferença, o qual ofereceu a Relph uma base fenomenológica de compreensão da identidade dos lugares. A partir daí o autor pôde aprofundar e sustentar o binômio autenticidade-inautenticidade, centrais para sua tese e entendimento da construção e da identidade dos lugares (MARANDOLA JR., 2009).

Neste sentido, embora não seja apropriado chamar a obra de Relph de heideggeriana, é deste filósofo que o autor bebe para erigir uma de suas mais importantes noções: a identidade dos lugares (expressa pelas diferentes formas de envolvimento com o lugar, denominadas pelo autor de **exterioridade** e **interioridade**) e a ideia de autenticidade e inautenticidade dos lugares. Investigar o alcance desta influência nos ajuda a entender melhor o papel de Heidegger para o humanismo em Geografia, de um lado, e os

fundamentos de uma das mais importantes e frutíferas obras da Geografia Humanista, de outro.

## IDENTIDADE DOS LUGARES

Em sua busca pelos significados da experiência humana do lugar, Relph passa pelo sentido fenomenológico do lugar, sua essência, centrado no espaço existencial, chegando à discussão da identidade. Isso é enfrentado diretamente no quarto capítulo, “On the identity of places”.

O objetivo de Relph ao discutir a identidade dos lugares é entender a forma como nossa experiência dos lugares ocorre e seus componentes. Ele identifica pelo menos três componentes do nosso envolvimento com os lugares: a configuração física, as atividades e os significados (RELPH, 1976, p.47). No entanto, os sentidos podem mudar ou serem transferidos para outros objetos. Além disso, os três componentes são compostos, não monolíticos. Segundo Relph, a configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes.

A saída de Relph é propor possibilidades de envolvimento com os lugares derivados dos tipos de envolvimento estabelecido com os lugares, na relação e combinação destes três elementos. Assim ele propõe os conceitos de **interioridade** (*insideness*) e **exterioridade** (*outsideness*), que são advérbios de modo de estar dentro ou de estar fora dos lugares. Para Relph (1976, p.49), esta é a essência da experiência dos lugares. “To be inside a place is to belong to it and to identify with it, and the more profoundly inside you are the stronger is this identity with the place.”

Partindo dos níveis de assimilação de culturas propostos pelos antropólogos, a partir de Berger, Relph propõe tipos de interioridade e de exterioridade, os quais seriam possibilidades de envolvimento com o lugar (Figura 01). Sobre os primeiros, afirma:

Although this classification has a specifically methodological context it does suggest the possibility of similar breakdowns of insideness in places. Thus there is behavioral insideness – or physical presence in a place; empathetic insideness which involves emotional participation in and involvement with a place; and existential insideness, or complete and unself-conscious commitment to a place. (RELPH 1976, p.50)

Relph oscila assim entre a intencionalidade e a semi-consciência, a experiência direta e a indireta. A interioridade existencial é aquela que envolve um sentimento de apego ao lugar e é tão orgânica que não precisa se tornar consciente para ser efetiva. Já a

interioridade comportamental se refere a um envolvimento funcional com o lugar. Busca familiarizar-se com seus objetos e atividades, mas de forma objetiva. Por fim, a interioridade empática, envolve estar aberto a um envolvimento profundo com o lugar, a partir da empatia e de um interesse sincero.

**Figura 01:** Formas de envolvimento com/no lugar por interioridades e exterioridades



Fonte: Baseado em Relph (1976).

Estas são as formas de interioridade diretas. Relph fala de formas de envolvimento com o lugar que não são indiretas ou menos imediatas:

[...] vicarious insideness refers to the experience of places through novels and other media; through incidental outsidersness places are merely backgrounds for other activities; from the perspective of objective outsidersness places are treated as concepts and locations; and existential outsidersness involves a profound alienation from all places. (RELPH, 1976, p.50)

Esta interioridade vicária é aquela de segunda mão (por substituição). O nome é referência ao forte imaginário e imagem que pinturas, literatura ou mesmo a moderna mídia produzem, permitindo nos envolver por meio da comunicação criativa (Seamon, 1996). A exterioridade incidental é quando lugar é apenas o cenário para atividades simples, mantendo-se pouco diferenciado. A exterioridade objetiva é outra forma de relação indireta que envolve uma atitude deliberada desapaixonada de separação do lugar, como o olhar do cientista, do planejador ou de qualquer um que considere o lugar de forma estritamente objetiva sem envolvimento. Por fim, a exterioridade existencial é

aquela situação em que a pessoa se sente fora do lugar. Isso pode ser por alienação, por topofobia ou pelos atributos físicos, mas o importante é que são situações não intencionais.

Vemos que Relph toma a identidade enquanto sentido de estar dentro e estar fora, de pertencer e de não pertencer. Relph não parte do entendimento metafísico de que pertencer é pertencer a, mas de que pertencer é ser. Esta concepção é derivada da noção de identidade de Heidegger, a qual inicia a página 45 expondo a problemática central do texto “Identidade e diferença”, originalmente publicado em 1957 (HEIDEGGER, 1999). Para Heidegger (1999, p.174), identidade não é sinônimo de “o mesmo”. Para ele, identidade implica a identidade consigo mesmo, pois “[...] a unidade da identidade constituiu um traço fundamental no seio do ser do ente.” Esse entendimento é importante para que as coisas possam continuar sendo elas diferenciadamente umas das outras, e por isso a identidade fala primeiro dela mesma.

Em seguida, Heidegger avança em direção ao cerne da questão, qual seja: a mesmidade como comum-pertencer. Esta expressão indica um duplo movimento de ênfase que está posto quando pensamos a identidade dos lugares. De um lado, afirma Heidegger (1999, p.175), “O ser é determinado a partir de uma identidade, como um traço desta identidade.” De outro, “Se pensarmos o *comum*-pertencer como de costume [a partir da metafísica], então, como já mostra a ênfase dada à primeira parte da expressão, o sentido do pertencer é determinado a partir da comunidade, quer dizer, a partir de sua unidade.” (HEIDEGGER, 1999, p.176). No primeiro caso, o pertencer é que determina a comunidade que lhe é própria, enquanto no segundo caso, o sentido da identidade é a integração a uma comunidade, a inserção em uma ordem, ligada a um *nexus*.

Relph buscou nesta concepção dinâmica do comum-pertencer de Heidegger o movimento necessário para evocar a condição não estática da identidade e do ser. Interioridade e exterioridade são utilizadas para negar a pressuposição metafísica na qual o ser é determinado por uma identidade. Nega também, por outro lado, a concepção de Parmênides segundo a qual a identidade é um traço do ser. Ele caminha, portanto, em direção à mesmidade ser e pensar, ou seja, o entendimento de que a identidade faz parte do ser de forma dinâmica, de forma ambidirecional, incluindo regresso e progresso de forma não linear e em constante movimento.

Essa é uma das contribuições mais importantes da obra de Relph (Seamon; Sowers, 2008), pois permite pensar tanto a identidade com os lugares quanto a identidade dos

lugares, sendo para isso o discernimento heideggeriano fundamental para esse esclarecimento ontológico.

#### AUTENTICIDADE DOS LUGARES

O passo seguinte de Relph foi pensar a autenticidade na construção dos lugares, tema do quinto capítulo de seu livro: “A sense of place and authentic place-making”. Partindo dos entendimentos estabelecidos no capítulo anterior, a identidade é compreendida como diferenciando os lugares, de um lado, e dando-lhes unidade interna, de outro. Além disso, a associação entre a existência e a identidade pessoal está amarrada ao senso de lugar e à sua constituição (RELPH, 1976, p.62). Mas como diferenciar os processos de produção autênticos dos inautênticos? Que seria um lugar inautêntico, e um autêntico?

Relph recorre à filosofia e encontra novamente base ontológica a na filosofia heideggeriana. Após lembrar a associação entre sinceridade e autenticidade, feita por Lionel Trilling, ele se remete ao conceito de *Dasein*, base da ontologia de Heidegger (2002), o qual reconhece a liberdade e a responsabilidade do homem sobre sua própria existência. “It is held that a man’s possibilities are his own, for he is directly present to the world, and in authentic existence a person lives his or her life in full awareness of this basic and inescapable relationship.” (RELPH, 1976, p.64).

O *Dasein*, para Heidegger (2002), expressa a relação do homem com o ser, onde ele se encontra “à soleira”, zelando, cuidando. Este se refere à existência fáctica, o modo original de existência (MacDowell, 1993). *Dasein*, ser-aí, ou pre-sença, refere-se à forma de ser do homem, que é circunstancial. Na sua famosa *Carta sobre o humanismo*, Heidegger (2001) coloca esta existência própria do homem em termos de *ex*-sistência, no sentido de diferenciar o homem enquanto pastor do ser das demais formas de existências. Isso significa que o cuidado e o pensar intencional são traços ontológicos do ser e daquilo que faz do homem homem.

Neste sentido, a existência autêntica está associada tanto a assumir responsabilidades diante de sua própria existência quanto envolver-se, de forma inconsciente, no seu mundo coletivo imediato, a mundanidade (HEIDEGGER, 2002). Relph afirma uma postura anti-reflexiva, no sentido discutido por alguns sociólogos contemporâneos que apontam para a alta ou excessiva reflexividade do mundo atual (BECK; GIDDENS; SLASH, 1997). A autenticidade defendida por Relph (1976, p.64) refere-se a uma atitude “[...] direct and genuine experience of the entire complex of the identity of

places – not mediated and distorted through a series of quite arbitrary social and intellectual fashions about how that experience should be, nor following stereotyped conventions.”

Que seria então a pessoa inautêntica? Seria aquela que “[...] transfers responsibility to large, nebulous, unchangeable forces, for which He cannot be blamed and about which He can do nothing.” (RELPH, 1976, p.64). Em outras palavras, aquele que não assumiu sua função como pastor do ser, zelando pelo seu cuidado no *Dasein*, na simplicidade do ser-aí. A inautenticidade, portanto, se refere a “[...] an attitude which is closed to the world and to man’s possibilities.” (RELPH, 1976, p.80), limitando as possibilidades de ser a formas pré-definidas de experiências.

Em termos de lugares, Relph está pensando naqueles produzidos para o turismo, resultado de grandes intervenções urbanas que vêm com alta carga de exterioridade, distritos de entretenimento, paisagens estereotipadas (disneyficação, museficação), padronização e uniformidade, estrapolação escalar, destruição de lugares e excessiva instabilidade dos lugares. Nestes casos, não são relações orgânicas de historicidade e de geograficidade que constroem os lugares, estando ausentes qualquer processo de identificação com o ser: a identidade é apenas a mesmice com o próprio lugar, enquanto padrão ou repetição, não com um pensar vivido e experienciado que lhe confere uma diferenciação. Com a atual mundialização, estes processos de produção de lugares inautênticos, se acentua, dada a possibilidade de comunicação e imposição de padrões e de ideais estéticos e funcionais mundo afora.

Para alcançar a experiência autêntica dos lugares, portanto, é necessário a interioridade existencial. Esta é enfraquecida pelos *placelessness*, lugares com pouca profundidade e transitórios. Estes, segundo Relph, são constantemente remodelados e transformados a cada movimento econômico, reordenando os atributos físicos, simbólicos e as atividades ali desenvolvidas, tornando as identidades dos e com os lugares mais fluidas, menos permanentes, e por isso, inautênticas. A ausência do cuidado e da responsabilidade dificultam a ex-sistência, tornado estes lugares presas fáceis para a massificação e padronização.

## LUGAR E EXISTÊNCIA

Mesmo não sendo uma obra heideggeriana, notamos a importância do pensamento de Heidegger para edificar dois dos conceitos ou conjunto de noções fundamentais do

argumento central de *Place and placelessness*: a identidade dos lugares e sua autenticidade/inautenticidade.

Essas concepções, no entanto, soam um pouco deslocadas para alguns, que acreditam viverem num mundo onde a única construção de lugares possível é aquela inautêntica do *placelessness*. Para esses, pensar em experiência existencial, tal como proposta por Relph, semi-consciente e orgânica, não é possível na sociedade informacional e mundializada em que vivemos. Será?

Se de um lado há um forte movimento de produção de lugares inautênticos, é preciso prestar atenção aos silêncios e aos esquecimentos. Todo o barulho que chama atenção para cada novo *placeless* abafa e esconde muitos lugares autenticamente vividos. Cabe aos geógrafos, tal como propõe Relph (1976), buscar entender estes processos e buscar a promoção de uma existência autêntica, ou ex-sistência.

Isso aponta para a necessidade de conhecer melhor a profundidade e as repercussões do pensamento heideggeriano para o mundo contemporâneo e para uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais.

As experiências são estas possibilidades que na tendência de homogeneização e fixação de padrões comportamentais e construtivos, as limitam e as tornam previsíveis e mediadas. E isso é feito substancialmente pelo controle da forma dos lugares, de sua construção e da manipulação das identidades pela estrutura física, as atividades e os significados que ali podem ser experienciados.

Se abirmos mão da autenticidade enquanto valor da identidade e da construção dos lugares, abriremos mão da possibilidade de outras formas de existência. E é por isso que manter-se alerta à posição de pastor do ser, assumindo a função do cuidado, continua sendo um dos legados mais fortes e perenes que Heidegger deixou para a nossa era da técnica.

Limitar as formas dos lugares, portanto, é limitar o próprio ser humano.

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Paul C.; HELSCHER, Steven; TILL, Karen E. Place in context: rethinking humanist geographies. In: \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. (eds.) **Textures of place: exploring humanist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001. p.xiii-xxxiii.



BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. (trad. Magda Lopes) São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

BUTTNER, Anne; SEAMON, David (eds.) **The human experience of space and place**. London: Croom Helm, 1980.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Moraes, 1991.

\_\_\_\_\_. Identidade e diferença. In: \_\_\_\_\_. **Os pensadores**. (trad. Ernildo Stein) São Paulo: Abril Cultural, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. (trad. Maria Sá Cavalcanti) Petrópolis: Vozes, 2002.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista** – sua trajetória de 1950 a 1990. 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MacDOWELL, João A. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**: ensaio de caracterização do modo de pensar de Sein und Zeit. Rio de Janeiro: Loyola, 1993.

MARANDOLA JR., Eduardo. Heidegger como matriz do pensamento fenomenológico em Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2, 2009, São Paulo. **Anais**. Disponível em: <<http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/eduardo-marandola.pdf>>.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

\_\_\_\_\_. **Rational landscapes and humanistic geography**. London: Croom Helm, 1981.

\_\_\_\_\_. **A paisagem urbana moderna**. Lisboa: Edições 70, 1987.

SEAMON, David. A Singular Impact: Edward Relph's *Place and Placelessness*. **Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter**, v. 7, n.3, p.5-8, 1996.

\_\_\_\_\_.; SOWERS, Jacob. Place and Placelessness, Edward Relph. In: HUBBARD, P.; KITCHEN, R.; VALLENTINE, G. (eds.) **Key Texts in Human Geography**. London: Sage, 2008. p.43-51.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1980.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.